

Ele é a Eterna Criança, o Deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que Ele é o Menino Jesus verdadeiro.
E a criança tão humana que é divina.
Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo,
Que nunca pensamos um no outro.
Mas vivemos juntos os dois
Com um acordo íntimo,
Como a mão direita e a esquerda.
Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, a mais pequena.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro de tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

Fernando Pessoa (Alberto Caeiro)

Humano assim como Jesus, só Deus mesmo

«Esta cena remete-nos para a situação presente no país e no mundo: milhões e milhões de **pobres**, muitos famintos, outros tantos milhões de crianças cujos olhos quase saltam do rosto por causa da **fome** e da **fraqueza**. A maioria morre antes de atingir 3 anos».

O Natal faz-nos lembrar as nossas origens humildes. O Filho de Deus não quis nascer num palácio com tudo o que lhe pertence em pompa e glória. Não preferiu um templo com os seus ritos, incensos, velas acesas e cânticos. Nem sequer procurou uma casa minimamente decente. Nasceu lá onde comem os animais: numa manjedoura. Os pais eram pobres operários, do campo e da oficina, a caminho de um recenseamento imposto pelo imperador romano.

Esta cena remete-nos para a situação presente no país e no mundo: milhões e milhões de pobres, muitos famintos, outros tantos milhões de crianças cujos olhos quase saltam do rosto por causa da fome e da fraqueza. A maioria morre antes de atingir 3 anos. Eles atualizam para nós a condição escolhida pelo Filho de Deus.

Ao escolher aqueles que nada são socialmente e os que são tidos como invisíveis, o Filho de Deus quis-nos passar uma mensagem: há uma dignidade divina em todos estes sofredores. Face a eles devemos mostrar solidariedade e compaixão, não como pena, mas como forma de participar de sua paixão. Sempre haverá pobres neste mundo, já o disse a Bíblia. Razão a mais para sempre retomarmos a **solidariedade** e a **compaixão**. Se alguém caminha juntamente com o outro, se estende a mão e levanta o caído ou, mais ainda, se alguém se faz companheiro, quer dizer, aquele que comparte o pão, o sofrimento torna-se menor e a cruz mais leve.

Quem está longe dos **pobres**, mesmo o cristão mais piedoso, está longe de Cristo. Cabe sempre recordar a palavra do Juiz Supremo: "O que fizestes ou deixastes de fazer a estes meus irmãos e irmãs mais pequenos, os famintos, os sedentos, os encarcerados e os nus, foi a mim que o fizestes ou deixastes de fazer (Mt 25,40).

O Natal é uma festa de contradições: ela recorda-nos o mundo que ainda não foi humanizado porque somos cruéis e sem piedade para com aqueles penalizados pela vida. O **Natal** recorda-nos a mesma situação vivida pelo Verbo da vida, o Filho feito carne.

Por outro lado, no Natal alegriamo-nos porque que Deus em Jesus “mostrou a sua bondade e jovialidade para conosco” (Carta a Tito 3,4). Alegra-nos saber que Deus se fez criança que não julga nem condena ninguém. Quer apenas, como criança, ser acolhido mais que acolher, ser ajudado mais que ajudar.

Apraz-me terminar esta pequena reflexão com os versos do grande poeta português, Fernando Pessoa. Poucos disseram coisas mais belas do que ele sobre o Menino Jesus:

Ele é a Eterna Criança, o Deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que Ele é o Menino Jesus verdadeiro.
E a criança tão humana que é divina.
Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo,
Que nunca pensamos um no outro.
Mas vivemos juntos os dois
Com um acordo íntimo,
Como a mão direita e a esquerda.
Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, a mais pequena.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro de tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

Depois desta beleza singela e verdadeira só me resta desejar um Feliz Natal sereno a todos dentro de nosso mundo tão conturbado.

Leonardo Boff. Teólogo, filósofo e escritor.

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574816-humano-assim-como-jesus-so-deus-mesmo-artigo-de-leonardo-boff>

numa região desprezada, Deus faz-se presente.

Domingo do Advento 4 (Lc 1, 26-38)

1. *O Sítio* O que aqui se conta, tão transcendental para a humanidade, sucede na Galileia, a região daqueles que, em Israel, eram tidos como ignorantes, impuros, com quem não se deveria ter relações (M. Pérez Fernandes). O desprezo dos antigos para com os galileus era tão forte que, no ano 362, o imperador Juliano escreveu uma carta ao presidente do Eufrates, Artábio, na qual lhe falava da “*estupidez dos galileus*” (G. Luchetti). Era famosa a expressão de Yojanan ben Zakkai: “*Galileia, Galileia, tu odeias a Toráh*”.

Numa região desprezada, de um sítio assim, Deus faz-se presente. É o estilo do Deus que se revela em Jesus. Assim é o modo de proceder do Deus de Jesus.

2. *A Pessoa* Maria, é a personagem central neste relato: uma mulher desconhecida e humilde, de quem se diz que era “*virgem*”, uma palavra que, no judaísmo daquele tempo, designava uma rapariga desde a sua puberdade até ao seu primeiro parto.

O relato de Lucas quer destacar que o facto prodigioso que sucedeu em Maria é muito mais importante do que o da sua parenta Isabel. O texto não fala da virgindade biológica de Maria mas da sua fidelidade total a Deus. O Magistério da Igreja tem pregado sempre a virgindade biológica de Maria. Mas uma virgindade assim pode tê-la uma mulher a quem se lhe fez uma inseminação artificial e, a seguir, se lhe praticou uma cesariana. Esta mulher seria “*mãe*” e “*virgem*” (K. Rahner). É evidente que a virgindade de Maria se refere a uma qualidade superior que Deus lhe concedeu ao ser a mãe de Jesus.

3. *A Mensagem* De Maria vai nascer o Messias que Israel esperava. E muito mais do que aquilo que esperava. Este texto foi escrito quando já se tinha consciência do que disse S. Paulo em Rm 1, 3-4: O filho de David foi constituído, pela sua ressurreição, Senhor e Filho de Deus. Aceitamos, como crentes cristãos, a teologia de Paulo. É uma ideia “*parcial*” deste grande apóstolo. A ideia “*total*”, que é central na fé dos cristãos, é que o menino que nasceu de Maria, era e é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ambas as realidades. De tal forma que o Deus Transcendente dá-se-nos a conhecer no pobre e desamparado menino que nasceu de Maria. ASSIM SE FEZ DEUS PRESENTE, VISÍVEL E TANGÍVEL NA HISTÓRIA.

José M^a Castillo. (*La religión de Jesús. Comentarios al Evangelio diario. Ciclo B (2017-2018)*, pp 34-35).

em determinado momento da história, o centro de tudo está numa mulher



A festa do Natal está toda concentrada na figura da Divina Criança (*Puer aeternus*), Jesus, o Filho de Deus que decidiu morar entre nós. Mas a celebração do Natal vai para além deste facto. Se nos restringirmos só a ele, caímos no erro teológico do cristomonismo (só Cristo conta), esquecendo-nos que existe, ainda, o Espírito e o Pai que atuam sempre em conjunto... Há que realçar a figura de sua mãe, Miriam de Nazaré. Se ela não tivesse pronunciado o seu “sim”, Jesus não teria nascido. E não haveria Natal.

Como ainda somos reféns da era do patriarcado, isso impede-nos de compreender e valorizar o que diz o

evangelho de Lucas a respeito de Maria: ”O Espírito Santo virá sobre ti e a energia (*dínamis*) do Altíssimo armará a sua tenda sobre ti, e é por isso que o Santo, em ti gerado, será chamado Filho de Deus” (Lc1,35).

As traduções comuns, dependentes de uma leitura masculinista, dizem: “a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”. Lendo o original grego, não é isso que lá se diz. Literalmente, afirma-se o seguinte: “a energia (*dínamis*) do Altíssimo armará a sua tenda sobre ti (*episkiásei soi*). Trata-se de um modismo linguístico hebraico para significar “morar não de forma passageira, mas definitivamente”, sobre ti, Maria. A palavra que se usa é *skené* que significa tenda. Armar a tenda sobre alguém (*epi-skiásei*), como afirma o texto, significa: a partir de agora Maria de Nazaré será a portadora permanente do Espírito. Ela foi “espiritualizada”, quer dizer, o Espírito faz parte dela.

Curiosamente, é esta mesma palavra *skené* (tenda) que o evangelista São João aplica à encarnação do Verbo. “E o Verbo se fez carne e armou a sua tenda entre nós (*eskénosen*, é o mesmo verbo de base)”, quer dizer, morou definitivamente entre nós.

Qual a conclusão a tirar daqui? Que a primeira Pessoa divina enviada ao mundo não foi o Filho, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Foi o Espírito Santo.

Quem é terceiro na ordem da Trindade, é primeiro na ordem da Criação, isto é, o Espírito Santo. O recetáculo desta vinda foi uma mulher do povo, simples e piedosa, como todas as mulheres camponesas da Galileia, de nome Miriam ou Maria.

Ao acolher a vinda do Espírito, ela foi elevada ao nível da divindade do Espírito. Por isso, com razão diz o evangelista Lucas: "por isso (*διὸ ὅτι*), ou por causa disso, o Santo gerado em ti será chamado Filho de Deus" (Lc 1,35). Somente alguém que está ao nível de Deus pode gerar um Filho de Deus. É por esta razão que Maria será divinizada da mesma forma que o homem Jesus de Nazaré, que foi assumido pelo Filho eterno e, deste modo, divinizado. É o Filho eterno encarnado na nossa realidade humana que nós celebramos no Natal.

Eis que num determinado momento da história, o centro é ocupado por uma mulher, Miriam de Nazaré. Nela atua o Espírito Santo que a habita e que nela vai criando a santa humanidade do Filho de Deus. Nela estão presentes duas Pessoas divinas: o Espírito Santo e o Filho eterno do Pai. Ela é o templo que a ambos alberga.

Nossa Senhora de Guadalupe, tão venerada pelo povo mexicano, com traços mestiços, apresenta-se-nos na figura de uma mulher grávida, com todos os símbolos da gravidez da cultura *nauatl* (dos aztecas). Sempre que vou ao México, junto-me às multidões que ali acorrem, e visito a bela imagem de pano da Senhora de Guadalupe. Vestido de frade, várias vezes perguntei a um peregrino anônimo: "*hermanito, tu adoras a la Virgen de Guadalupe*"? E recebia sempre a mesma resposta: "*Si, frailecito, como no voy adorar a la Virgen de Guadalupe? Si que la adoro*".

E o devoto tinha toda a razão, pois nesta mulher se escondem as duas Pessoas divinas: o Filho que cresce nas suas entranhas, pela energia do Espírito que morava nela. E ambas, sendo Deus, podem e devem ser adoradas. E Maria é inseparável de ambas, merecendo, por isso, a mesma adoração. Daí nasceu a inspiração para o meu livro, que é um dos mais lidos, "**O Rosto materno de Deus**". Sempre lamentei que a maioria das mulheres, mesmo teólogas, não tenham assumido, ainda, a sua fração divina, presente em Maria, por obra do Espírito Santo.

Ficam-se só com o Cristo, o homem divinizado.

O Natal será mais completo se, junto ao Menino que tiritá de frio na manjedoura, incluirmos, também, a sua Mãe que o acalenta, amparada pelo seu esposo, o bom José. E este também merecia uma reflexão especial, coisa que já fiz nestas páginas do Jornal do Brasil: a sua relação com o Pai celeste.

No meio da crise deste nosso Brasil, há ainda uma Estrela como a de Belém a dar-nos esperança.

Leonardo Boff. Teólogo, filósofo e escritor.

<https://leonardoboff.wordpress.com/2017/12/17/num-momento-da-historia-o-centro-de-tudo-esta-numa-mulher/>

um anúncio surpreendente

4 Advento – B (Lucas 1,26-38)

Lucas narra o anúncio do nascimento de Jesus, em estreito paralelismo com o de João Baptista. O contraste entre ambos os episódios é tão surpreendente, que nos permite entrever, a uma nova luz, o Mistério de Deus encarnado em Jesus.

O anúncio do nascimento de João Baptista ocorre em «Jerusalém», a grandiosa capital de Israel, centro político e religioso do povo judeu. O nascimento de Jesus anuncia-se numa terra desconhecida das montanhas da Galileia. Uma aldeia sem importância alguma, chamada «Nazaré», donde ninguém espera nada de bom. Anos mais tarde, estas povoações humildes acolherão a mensagem de Jesus anunciando a bondade de Deus. Jerusalém, pelo contrário, rejeitá-Lo-á. Quase sempre, são os pequenos e insignificantes, os que melhor entendem e acolhem a Deus encarnado em Jesus.

O anúncio do nascimento de João Baptista tem lugar no espaço sagrado do «templo». O de Jesus, numa casa pobre de uma «aldeia». Jesus faz-se presente ali, onde as pessoas vivem, trabalham, se alegram e sofrem. Vive entre elas, aliviando o seu sofrimento e oferecendo o perdão do Pai. Deus fez-se carne, não para permanecer nos templos, mas para «colocar a Sua morada entre os homens» e partilhar a nossa vida.

O anúncio do nascimento de João Baptista é escutado por um homem venerável, o sacerdote Zacarias, durante uma solene celebração ritual. O de Jesus, é feito a Maria, uma «jovem» de uns doze anos. Não se refere onde ela está, nem o que faz. A quem pode interessar o trabalho de uma mulher? No entanto, Jesus, o Filho de Deus encarnado, há de encarar as mulheres de forma bem diferente, defenderá a sua dignidade e acolhê-las-á entre os Seus discípulos.

Por último, de João Baptista anuncia-se que nascerá de Zacarias e Isabel, um casal estéril, abençoado por Deus. De Jesus diz-se algo absolutamente novo. O Messias nascerá de Maria, uma jovem virgem. O Espírito de Deus estará na origem da Sua aparição no mundo. Por isso, «será chamado Filho de Deus». O Salvador do mundo não nasce como fruto do amor de esposos que mutuamente se estimam. Nasce como fruto do Amor de Deus por toda a humanidade. Jesus não é uma prenda que nos oferece Maria e José. É uma prenda que nos é dada por Deus.

José Antonio Pagola

Natal de 2017

De hoje a uma semana, será dia de Natal. O Menino, que nasceu há mais de 2000 anos, terá nascido de novo. A oportunidade será dada a todos nós de voltarmos à estaca zero: às primeiras horas do cristianismo - da nova religião cuja nascença com a nascença do Menino celebramos.

O que trouxe a nova religião?

- 1) **Luz.** «Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha na escuridão e a escuridão não dominou a luz» (João 1:4-5).
- 2) **Liberdade.** «O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado» (Marcos 2:27).
- 3) **O fim do ódio.** «Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam» (Lucas 6:27).
- 4) **A solução para a vida humana.** «Fazei o bem... sem nada esperar em troca» (Lucas 6:35).
- 5) **A compreensão humana.** «Não julgueis para que não sejais julgados» (Mateus 7:1).
- 6) **O despojamento.** «Não acumuleis para vós tesouros na terra» (Mateus 6:19).
- 7) **A justiça.** «Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino dos céus» (Mateus 5:10).
- 8) **A aceitação de todas e de todos.** «Eu não julgo ninguém» (João 8:15).



Infelizmente, os mais de 2000 anos que nos separam do nascimento do Menino mostram-nos um cristianismo que, em vez de luz, trouxe e traz tantas vezes o obscurantismo; em vez da liberdade, trouxe e traz tantas vezes o aprisionamento das mentes; em vez do

fim do ódio, fomentou-o exponencialmente (entre cristãos e entre cristãos e judeus); em vez do despojamento, encontrou maneira de dar a senhores de engenho, ditadores e bilionários o reconforto de se considerarem bons cristãos; em vez de estar do lado dos perseguidos, esteve tantas vezes do lado dos perseguidores; e em vez de aceitar as pessoas na diversidade com que Deus quis que nascessem, tudo fez para excluir tantas e tantos.

Mas a beleza do Natal - e a esperança do Natal - é que, ao celebrarmos todos os anos o nascimento do Menino, todos os anos podemos começar do zero. A nova religião que o Menino trouxe e traz - todos os anos, cada dia, cada hora, cada segundo - está sempre a tempo de cumprir a sua verdadeira vocação. Este Natal, o mundo ainda vai a tempo de se tornar, no verdadeiro sentido da palavra, verdadeiramente cristão. Basta somente todas e todos querermos. A mensagem do Menino é que, se quisermos, podemos fazer do mundo em que vivemos o «Céu» na «Terra».

«Eu sou a luz do mundo» (João 8:12)

«Vós sois a luz do mundo» (Mateus 5:14)

imagem: pormenor da «Natividade» de Guido Reni (século XVII)

Frederico Lourenço. Escritor, tradutor, professor universitário. Prémio Pessoa 2016.

<https://www.facebook.com/people/Frederico-Louren%C3%A7o/100007197946343>